

entre o anarquismo e o feminismo: maria lacerda de moura e luce fabbri¹

margareth rago

Se ainda hoje são pouco conhecidas as trajetórias das militantes anarquistas, duas figuras destacam-se no elenco das mulheres que atuaram intensamente para a renovação do anarquismo na América do Sul: Maria Lacerda de Moura (1887-1945) e Luce Fabbri (1908-2000). Escritoras polêmicas, educadoras libertárias, oradoras prestigiadas, ambas destacam-se pela vibrante atuação nos meios políticos, culturais e literários ao longo de suas vidas, assim como pela difusão de suas ideias posteriormente. Além dos inúmeros livros, artigos e folhetos em que denunciam as múltiplas formas da dominação burguesa, da opressão masculina e da exploração capitalista do trabalho, pesquisas recentes revelam que vários dos textos da brasileira Maria Lacerda de Moura podem ser encontrados não apenas nos periódicos brasileiros, mas também nas revistas anarquistas publicadas na Espanha e na Argentina, entre as décadas de 1920 e 1930. Já a ítalo-uruguaia Luce Fabbri tem sua extensa obra

Margareth Rago é historiadora e professora titular do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



Entre o anarquismo e o feminismo...

traduzida em diversas línguas. Ambas são redescobertas por feministas contemporâneas, que publicam suas biografias: a de Maria Lacerda de Moura, em 1984, e a de Luce Fabbri, em 2001.¹

O encontro dessas mulheres com o anarquismo se dá pelo contato com figuras masculinas fortes. Por volta de 1919, o professor José Oiticica² visita Barbacena, em Minas Gerais, e fascina a jovem Maria Lacerda com seus ensinamentos sobre a pedagogia libertária. Anos depois, é ela quem defende uma nova pedagogia, entendendo que “as prisões fazem criminosos. A cadeia humilha. Ali explodem degenerescências. Para as crianças – somente casas de educação e nunca a chibata, a prisão, o trabalho forçado ou o tribunal”³. Já Luigi Fabbri, ativista libertário do movimento operário na Itália, insistia desde cedo com a filha sobre a necessidade de esclarecer-se bem antes de optar ou não pelo anarquismo.

Ao mesmo tempo próximas e distantes, essas anarquistas têm em comum o esforço dedicado a atualizar o anarquismo, refletindo à luz dos problemas de sua época, ou melhor, o esforço de responder aos desafios do presente, à luz das ideias anarquistas. Distantes geograficamente, apenas 20 anos as separam: Maria Lacerda nasce em 1887, em Minas Gerais, enquanto Roma recebe Luce Fabbri, em 1908. Experiências diversas, realidades distintas, em algum momento, os textos da primeira chegam às mãos da segunda que, exilada em Montevidéu desde a década de 1930, descobre a proximidade das suas inquietações, angústias, crenças e sonhos. Afinal, além de militantes anarquistas, ambas foram escritoras, professoras, amantes da literatura, e dedicaram-se visceralmente à luta antifascista internacional e à construção de formas libertárias, anti-hierárquicas e solidárias de pensar e viver.



Proximidades: a luta contra o fascismo

O texto com que Maria Lacerda de Moura presenteia Luce, por intermédio da amiga argentina Concepción Fernandez, que a visitava em Guararema (SP), chama-se *Clero e Fascismo: Horda de Embruteceadores*.⁴ A dedicatória, delicada e afetiva, diz: “Para a querida e grande Luce Fabbri - o coração de Maria Lacerda, 12-1934”⁵. É interessante observar que não se trata de nenhum dos livros dessa anarco-feminista radical, que hoje consideramos tão polêmicos e arrojados. Mas, sem dúvida, a escolha não foi gratuita: a aliança na frente de batalha estava solidamente consolidada.

Em 1932, vivendo numa comunidade libertária em Guararema, sem filhos e divorciada, Maria Lacerda escreve *Clero e Fascismo – Horda de Embruteceadores e Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital*⁶, livros em que coloca toda a sua indignação para atacar o nacionalismo, a igreja, o poder dos Estados e os regimes totalitários, e nos quais defende o pacifismo. Contudo, embora sejam trabalhos muito contundentes, é Luce Fabbri quem desenvolve uma análise mais minuciosa, demorada e profunda desse fenômeno, razão pela qual opto, aqui, por concentrar-me em alguns de seus textos. Como mostrarei logo mais, outros temas atraem mais fortemente o olhar crítico da anarquista brasileira.

Desde o início da década de 1930, Luce Fabbri edita a revista antifascista *Studi Sociali*, juntamente com seu pai, Luigi Fabbri, que falece em 1935⁷. Doravante, a revista fica inteiramente a cargo da jovem, que publica, ainda nesse ano, o livro *Camisas Negras*⁸, reunindo uma série de palestras proferidas em Rosário de Santa Fé, na Argentina, em 1933, durante a ditadura de Terra. Nesse trabalho, ela examina detalhadamente as características essenciais do



Entre o anarquismo e o feminismo...

fascismo, “filho da guerra”, das condições políticas e culturais do período e de sua manifestação histórica em vários países. Ao lado de Primo de Rivera, na Espanha, as bandas de Horty, na Hungria, em luta contra os comunistas e judeus, depois da experiência bolchevique de Bela-Kun e a fascistização de Dolfuss, na Áustria, figuram grupos de tendência fascistóide, como a Ku Klux Klan estadunidense, as Juventudes Patrióticas francesas e *La Légion nacional Belga*, financiadas pelos grandes industriais.

Luce desenvolve uma ampla análise histórica e política do fascismo italiano. A partir de uma leitura classista, observa que, ao contrário dos intelectuais iludidos com as primeiras manifestações do fascismo, os operários das fábricas e os camponeses logo perceberam o caráter conservador e antissocialista do movimento em curso. Viam os “camisas negras” como os principais inimigos das cooperativas, dos sindicatos, das autonomias municipais e do socialismo. É que, ao contrário do nazismo, que se apoiou nas massas de desempregados e desesperados que levaram o programa anticapitalista de Hitler a sério, na Itália, tratou-se da ação dos grandes industriais, comerciantes e latifundiários em luta contra os grevistas, contra o movimento operário, contra as cooperativas autônomas de produção e consumo que se espalhavam pelo país. Na Itália, portanto, o fascismo foi produto do medo do capital diante do avanço operário; na Alemanha, resultou do desespero das massas famintas e desorientadas que apoiaram o sistema, não vendo outras alternativas.

O fascismo italiano emerge, pois, como “uma contra-revolução preventiva”, diz ela, invocando o título do livro escrito pelo pai, em 1922, “uma contra-revolução que preencheu o vazio da revolução frustrada”. Diante da ameaça



representada pelo crescimento do movimento operário e das massas que, nas ruas, agitavam bandeiras e gritavam em nome da “Revolução”, do “Socialismo” e da “Liberdade”, as forças conservadoras uniram-se ferozes.

Como explica a historiadora anarquista, havia um vigoroso movimento operário na Itália, desde o final do século XIX, que conquistara muitos benefícios trabalhistas, devido ao desenvolvimento do sistema de cooperativas. Cerca de 1.370, em 1906, estas vinham aumentando consideravelmente, nos anos seguintes. Fortemente vinculadas aos sindicatos e às sociedades de socorro mútuo, formavam juntos o que se chamou de “a tripla aliança do trabalho”¹⁰.

Nesse mesmo ano, funda-se a Confederação Geral do Trabalho, de tendência social-democrata; em 1914, contava com cerca de 321.858 membros. Logo em seguida, os anarquistas criam a União Sindical Italiana, que chegou a ter mais de 300.000 afiliados e que teve notável influência no norte da Itália. As greves sucedem-se rapidamente. As cooperativas de Molinella, pequena cidade da planície emiliana, mobilizam um capital de milhões, assim como Milão, Reggio Emilia, Novara. Na província de Ravena, de 250 mil habitantes, 20 mil estavam organizados; as cooperativas de consumo absorviam 12 mil membros e seus negócios atingiam anualmente um movimento de 25 milhões de liras. Em 1921, as cooperativas agrícolas cultivavam 9.605 hectares de terra¹¹.

Vivendo em Roma, Luce observa todo o arsenal simbólico mobilizado pelos fascistas em suas vestes, em seus rituais, em suas sofisticadas formas de manipulação das massas. Destaca a dimensão psicológica do fenômeno: o desejo de poder e de preservação do *status* pelos domi-



Entre o anarquismo e o feminismo...

nantes; atenta para o elemento patológico constitutivo do fascismo, a “delinquência desatada pela luta” que implica de maneira contínua.

O fascismo mobiliza forças psíquicas obscuras e irracionais, como o ódio manifestado pelos industriais diante dos trabalhadores que se atreviam a reivindicar seus direitos; o ódio dos “*niños bien*”, que sentiam perder seus privilégios culturais com o progresso intelectual dos operários; e o ódio dos comerciantes contra as cooperativas, que barateavam os produtos¹².

Sua análise do totalitarismo incide sobre a dimensão microscópica da dominação, desvendando a positividade do poder, que constitui as individualidades, normatiza os gestos e adentra os corpos, a partir de imposições normativas cotidianas¹³. Segundo ela, “o domínio inteiro, absoluto, totalitário da vida, através da OVRA, Milícia, Tribunal Especial e da imprensa, rádio, ensino, sindicato obrigatório, ‘opera nazionale Balilla’, a ‘Juventude Italiana del Lictorio’, o ‘Dopolavoro’, (...) que controlam os diferentes minutos da vida de todas as categorias de pessoas. É um domínio político que chegou a atar o camponês à terra, o profissional à sua profissão e à sua cidade, o operário à sua indústria, no maior ensaio de militarização da vida que se realizou na história”¹⁴.

O fascismo consegue criar um sistema de vigilância desconhecido pela Inquisição, ou pelo czarismo russo, mostra a autora, que visa impedir tanto a exteriorização do pensamento quanto o seu próprio movimento, atomizando o indivíduo. Ora, diz ela, o pensamento só pode se desenvolver se não se mantiver isolado, se for continuamente fecundado por trocas, discussões, conversações, leituras, a não ser nos



casos em que existe um vigor interno extraordinário, o que se pode encontrar apenas em algumas pessoas. “Este trabalho para isolar o indivíduo de toda a imensa variedade da vida e para fazer dele o tipo padrão do bom cidadão fascista e do bom soldado, começa em criança, no pequeno homem em formação, no qual é importante matar certas inclinações e fortalecer outras, sempre as mesmas”¹⁵.

A partir desta constatação, Luce denuncia como o fascismo invade a vida cultural, instaurando sistemas de controle e de formação ao mesmo tempo, elaborados em seus mínimos detalhes. Assim, transforma desde o ensino primário, impondo a leitura dos livros do Estado onde, desde as primeiras páginas as crianças aparecem vestidas com camisas negras, “pequenos balilas apresentados como exemplo de valor e de patriotismo”¹⁶. A escola torna-se um instrumento para vigiar a intimidade da família por meio das crianças. *De que fala teu pai durante o almoço?* é outro dos temas de composição que caracterizam a vida escolar italiana. O controle, portanto, se estende do ensino primário ao secundário e à universidade.

Para os trabalhadores, enquanto os sindicatos corporativos passam a vigiá-los, a *Opera Nazionale Dopolavoro* (ODN) controla suas horas de lazer, “militarizando até o descanso”. Depois do trabalho, os operários inscritos são convidados a reunirem-se nos locais do *Dopolavoro* destinados às atividades culturais e desportivas, sob a direção de professores e organizadores fascistas. A principal atividade cultural consiste em conferências de propaganda, para além de alguns cursos e representações dramáticas.

Defensora das formas autogestionárias, logo, apostando na forte necessidade de vínculos sociais constituídos



Entre o anarquismo e o feminismo...

espontaneamente entre os indivíduos, Luce afirma que autoridade coercitiva e sociedade orgânica são termos antitéticos. “Governo totalitário é aquele que militariza todos os aspectos da vida, inclusive o cultural. E em nenhum lugar o indivíduo está mais só, mais separado dos demais, mais ‘desorganizado’, que no exército. Suprimindo o estado maior, um exército bem disciplinado se desvanece. Todas as molas estão enganchados de cima e a pirâmide não tem cimento”¹⁷.

A organização fascista da vida social pretende atar o indivíduo isolado das formas autônomas de manifestação ao Estado. Nesse sentido, Luce analisa a solidão do indivíduo moderno, sem enraizamento social e político no mundo totalitário. Em um texto de 1957, afirma: “O homem sozinho não é forte, como se dizia, mas débil; débil se se isola por orgulho na selva; débil se o temor o isola no silêncio sob uma dominação tirânica; débil se se deixa explorar na fábrica, um entre mil, negando-se a buscar na associação com seus companheiros energias para lutar contra a injustiça. Em todos estes casos será débil e escravo; será menos homem, já que o homem existe e se define por suas relações com os demais”¹⁸.

Distâncias: feminismo e sexualidade

Se muitos pontos em comum marcam as reflexões e os posicionamentos políticos dessas anarquistas, é na questão da sexualidade e do feminismo que se separam de forma mais visível. Se ambas desenvolvem profundas reflexões éticas e políticas em seus livros, folhetos e artigos, o foco privilegiado na crítica ao poder distancia-as nitidamente. Mesmo que Luce tenha se interessado mais diretamente



pelas questões feministas a partir da década de 1980, re-
vendo algumas de suas antigas posições, é Maria Lacerda
quem privilegia a questão da mulher, do corpo e da sexu-
alidade em suas reflexões, desde os anos 1920, trazendo
novos aportes e problematizações para a experiência anar-
quista.

Entre as décadas de 1910 e 1930, a libertária minei-
ra publica *Em torno da Educação* (1918), *A Mulher é uma
Degenerada?* (1924), *Religião do Amor e da Beleza* (1926),
Han Ryner e o Amor Plural (1928), *Amai e não vos mul-
tipliqueis* (1932), livros que têm como visada principal a
situação social das mulheres e a crítica contundente da
moral sexual. Nesse sentido, Maria Lacerda radicaliza a
denúncia da opressão de gênero, entre pobres ou ricas, jo-
vens ou velhas. Temas dificilmente discutidos por mulhe-
res em sua época, como a educação sexual dos/das jovens,
a exigência da virgindade feminina, o amor livre, o direito
ao prazer sexual, o divórcio, a maternidade consciente e
a prostituição figuram entre os mais importantes, na ex-
tensa produção intelectual da polêmica escritora. Vários de
seus livros, artigos e opúsculos são traduzidos na Argentina,
onde é convidada a realizar ciclos de palestras, em Buenos
Aires e em outras localidades, assim como se encontram
nas revistas libertárias *Estúdios* e *La Revista Blanca*, publi-
cadas na Espanha desse período.

Num artigo publicado na revista espanhola *Estúdios*,
em 1931, Maria Lacerda era apresentada ao público es-
panhol em termos muito elogiosos: “Não existe no Brasil,
pelo menos que saibamos, uma instituição docente ou uma
entidade que tenha realizado um trabalho de tanto alcan-
ce na esfera psicológica e na ordem normativa que possa
comparar-se à obra de Maria Lacerda de Moura, que en-



Entre o anarquismo e o feminismo...

carna o tipo da mentalidade feminina evoluída, cultíssima, discreta e ponderada, audaz e inaudita. É indubitável que a produção filosófica e pedagógica devida à grande ideóloga, tem um extraordinário valor intelectual; porém, é desde o ponto de vista ético que sua personalidade se destaca de modo superlativo. Mesmo nos países em que a literatura feminista logrou maior esplendor, escritoras do porte de Maria Lacerda não abundam”¹⁹.

Aqui, as ideias que a distinguem dizem respeito às dimensões éticas da sexualidade, do desejo e da experiência amorosa, tanto para as mulheres como para os jovens em geral. Assim, nos artigos “*La concepción ryneriana del amor*” e “*Qué es el amor plural?*” publicados na revista *Estudios*²⁰, compara a “camaradagem amorosa” de Émile Armand ao “amor plural” de Han Ryner; define aquele como “amor comunal ‘organizado’”, o que significa reforçar a ideia ryneriana de que o amor escapa às classificações e teorizações.

Maria Lacerda considerava a “camaradagem” proposta por Armand como “um retorno à promiscuidade, ao comunismo sexual degradante, no qual a mulher continua representando o papel de coisa, objeto de prazer, eleita sempre e quase nunca com direito a escolher”. Para ela, a natureza fizera a mulher apta a satisfazer vários homens, enquanto os homens não tinham essa alternativa. Segundo ela, “O amor é uma escolha não deliberada; é como uma predileção impulsiva de nossas forças internas, sacudidas por um algo misterioso; é a liberdade absoluta de escolher espontaneamente e poderíamos dizer que inconscientemente, porém nunca a promiscuidade nem o servilismo galináceos”²¹.

Em outro artigo, “*La mujer nueva y la moral sexual*”, Lacerda discute com a “renomada escritora” Alexandra



Kollontai, a questão da prostituição e contesta a sua análise do livro de Greta Meissel-Hess, *La crise sexual*, que trata da “deformação da psicologia masculina por meio da prostituição”. Deduzia daí a incapacidade masculina de compreender os sentimentos femininos, “a pouca atenção que presta à mulher sob o aspecto psicológico” e sua incapacidade de satisfazê-la em suas necessidades sexuais. Segundo ela, “tanto no amor livre quanto no casamento, o homem é igualmente troglodita: tem direito de propriedade sobre a mulher, pode matá-la se o trair; é ciumento e vingativo e imagina que possui uma escrava”²².

Maria Lacerda defendia o “amor diversão”, a “amizade amorosa” e o “amor plural”, como momentos da educação do homem e da mulher necessários para poderem conquistar a “possibilidade de amar”. No entanto, apesar de suas reflexões sofisticadas no terreno amoroso, nada indica que tenha praticado o “amor livre”.

Em *Religião do Amor e da Beleza*, desestabiliza as hierarquias de gênero e propõe uma nova moral sexual, em que a mulher pudesse ser elevada moral e espiritualmente. “A mulher tem sido corpo apenas; a alma feminina dorme na inconsciência de uma involução milenar”, dizia ela, “a grande questão é desenraizá-la desse sectarismo que mata qualquer iniciativa cerceando a razão, é fazê-la observar, viajar a imaginação pela Natureza imensa (...)”²³. E acrescenta: “Para ser livre assim é indispensável que a mulher se emancipe pelo coração e pela razão, deixando de ser medula para conhecer a verdadeira sensibilidade, que voe como as águias fitando o sol (...)”²⁴.

Em *Amor e não vos multipliqueis*²⁵, Maria Lacerda responsabiliza duramente a sociedade burguesa pela subordinação



Entre o anarquismo e o feminismo...

feminina: “Mutilaram a mulher, através dos preconceitos e das convenções sociais: fizeram dela um ser incompleto e desgraçado no tipo solteirona e resolveram o problema sexual masculino, organizando o mercado das relações sexuais, a prostituição, os ‘cabarets’ e cassinos, as casas de tolerância, os ‘recursos’, os ‘rendez-vous’ e o caftismo”²⁶.

Ao contrário dos homens cultos do período e principalmente dos médicos, que justificavam a exclusão das mulheres do mundo público por sua suposta inferioridade biológica, pela má formação dos ossos ou pela leveza do cérebro, Maria Lacerda atacava a moral e a ciência burguesas, assim como a ideologia da domesticidade, em plena ascensão no mundo urbano-industrial. Mostrava como impediam o desenvolvimento psíquico e o amadurecimento pessoal das mulheres, ao inculcar-lhes uma série de preconceitos e obrigações no espírito. Diz ela: “Dentro da sociedade capitalista a mulher é duas vezes escrava: é protegida, a tutelada, a ‘pupila’ do homem, criatura domesticada por um senhor cioso e, ao mesmo tempo, é a escrava social de uma sociedade baseada no dinheiro e nos privilégios mantidos pela autoridade do Estado e pela força armada para defender o poder, o dominismo, o industrialismo monetário”²⁷.

Em sua crítica à exigência da virgindade para as moças antes do matrimônio e à prostituição, tanto quanto à obrigação da maternidade, afirma ousadamente: “É bárbaro o prejuízo da virgindade, da castidade forçada para o sexo feminino, castidade imposta pela lei e pela sociedade, como é bárbara a prostituição ‘necessária’ para resguardar a ‘pureza’ da carne das *jeune-filles* (...) e para saciar os esfomeados de todas as idades e de todos os estados civis. Também é selvageria a maternidade não desejada, a ma-



ternidade imposta pelos maridos comodistas às mulheres ignorantes e duplamente sacrificadas”²⁸.

Discutindo com o médico português Miguel Bombarda que procurava demonstrar, na trilha do italiano Cesare Lombroso, que a mulher é um ser biologicamente e moralmente inferior ao homem em seu livro *A Epilepsia e as pseudo epilepsias*, Maria Lacerda escreve *A Mulher é uma Degenerada*²⁹, uma de suas obras mais importantes. Ali, questiona o mito da inferioridade cerebral das mulheres, desautorizando o regime de verdade construído pela ciência médica da época. Já no prefácio ao livro do psiquiatra argentino Julio Barcos, intitulado *Liberdade sexual das mulheres* – que, aliás, ela traduz para o português – Maria Lacerda questiona a identificação elementar da mulher com seu órgão reprodutivo e ataca a dupla moral escravizadora do chamado “sexo frágil”: “A ciência costuma afirmar que a mulher é uma doente periódica, que a mulher é útero. Afirma que o amor para o homem é apenas um acidente na vida e que o amor para a mulher é toda a razão de ser da sua vida, e ela põe nessa dor, o melhor de todas as suas energias e esgota o cálice de todas as suas amarguras, pois que o amor é a consequência lógica, inevitável de sua fisiologia uterina. Há engano no exagero de tais afirmações. Ambos nasceram pelo amor e para o amor”³⁰.

Antecipando o que será o principal foco de luta do movimento feminista, a partir da década de 1970 – a saber, a questão dos direitos reprodutivos e da violência doméstica –, Maria Lacerda, ao lado de outras anarquistas, denuncia o “contrato sexual”³¹ implícito no contrato social, que exige o direito ao corpo e ao prazer sexual das mulheres. Segundo ela, a sociedade estabelece partilhas profundamente nocivas ao desenvolvimento humano, fundadas na escravidão



Entre o anarquismo e o feminismo...

da mulher e no servilismo dos fracos. Nesse sentido, o casamento monogâmico beneficia exclusivamente o homem, e não a mulher: “Esse ‘contrato’ é a partilha do leão: o homem é forte, instrui-se, vai até onde sua capacidade o leva, e, a mulher ‘é do lar’, não cursa estudos superiores, obedece, serve, abdica do direito de pensar para ‘ser do lar’, para defender a instituição da família (...)”³².

Erudita, participa ativamente dos debates sobre a moral, a sexualidade e a família nuclear que dominavam o cenário intelectual do período, citando, em seus escritos, autores como Nietzsche, Stirner, Freud, Havellock Ellis, Malthus, Ellen Key, Federica Montseny, Alexandra Kollontai, Anatole France, Henryk Ibsen, entre outros. Mas a grande inspiração de seu anarquismo individualista vem do filósofo libertário francês Han Ryner³³, com quem passa a defender convictamente o “amor plural”. A plena realização da liberdade de amar para mulheres e homens, a seu ver, seria capaz de eliminar os crimes passionais, os ciúmes, o desejo de vingança, a prostituição e as opressões de gênero. Assim, contrasta o amor livre e plural com o amor único: “A paixão exclusiva e ciumenta por uma única pessoa, o pretense amor tal como nossa absurda Universidade ensina aos nossos desgraçados jovens, através dos poetas trágicos, é, com efeito, a mais terrível das tragédias”³⁴. Este ideal, que têm implicações políticas, acrescenta ela, é principalmente destinado às mulheres, pois os homens desfrutavam da liberdade de amar. “Se o amor para o homem é apenas acidente na vida, e não é bem assim, é que o homem realiza, consciente ou inconscientemente, o amor plural: está mais perto de sua libertação. (...) O homem é pluralista: é a razão de sua calma, da sua experiência, da sua maior serenidade, da sua certeza indo ao encontro do prazer ou do amor. Sabe que



não se esgotará num só, que tem reservas para continuar o seu caminho e vai ao encontro de todos os deliciosos acidentes ou de todas as experiências amorosas que venham pairar em torno dos seus desejos. Quanto à mulher, convencionaram que só pode amar a um homem, dentro da lei ou fora dela”³⁵, afirma.

Ao mesmo tempo, Maria Lacerda diferencia insistentemente a ideia do amor plural, inspirada em Han Ryner, do pluralismo amoroso, defendido por outro anarquista francês, Émile Armand³⁶. Segundo ela, “O amor plural é sempre, tanto para o homem como para a mulher, o desabrochar da liberdade, da sabedoria e do individualismo. Mas, a camaradagem amorosa de ‘L’Ellébore’ ou vossa ‘Fraternidade do Amor’, esse contrato que esposa um grupo inteiro, conhecidos e desconhecidos, é infinitamente mais servil que o contrato banal e o casamento diante de um ventre enfaixado de tricolor”³⁷.

Crítica radical do capitalismo e dos regimes totalitários, que cresciam em sua época (como aparece em *Civilização – Tronco de escravos*³⁸), e apostando nas formas autogestivas de vida em sociedade, assim como na plena liberdade de expressão dos sentimentos e afetos, Maria Lacerda ataca a moral supostamente revolucionária, ditada pelo partido político, que, na verdade, visa codificar os atos, controlar os gestos e determinar as condutas em todas as dimensões: “Que fantasia esquisita, quando se ama a liberdade, de se divertir em organizar, isto é, em destruir a liberdade. (...) Toda organização vencedora torna-se abominável como um Estado ou uma Igreja. (...) O único refúgio é o amor livre e plural não organizado. A organização estraga tudo. Organizar a liberdade é criar a servidão. Organizar o amor é criar os ciúmes e os ódios. O amor plural é um sentimento



Entre o anarquismo e o feminismo...

ingênuo e natural, doce e inocente como meu gosto pela aldeia na qual dei os meus primeiros passos e onde organizei meus primeiros olhares”³⁹.

Uma das poucas mulheres a discutir abertamente a prostituição e o lenocínio, Maria Lacerda, assim como Emma Goldman⁴⁰, critica a regulamentação do comércio sexual, isto é, a política segundo a qual o Estado deveria fichar as meretrizes, definir os horários de funcionamento e a própria localização geográfica da zona do meretrício, tanto quanto o “tráfico das brancas”, como era então chamada a vinda organizada de prostitutas europeias para Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, por gangues especializadas.⁴¹ “Que dizer de uma civilização que permite o caftismo – fingindo que o persegue, permite o tráfico das brancas, necessário para a ‘instituição sagrada da família’ (!) e que, depois, prende a mulher ludibriada, nos Saint-Lazare ou no Bon Pasteur, enquanto o homem continua a sua vida de conquistador de outras futuras prisioneiras, livre das garras da polícia (...)”⁴².

À guisa de conclusão: novas conexões

No final do século XVIII, Mary Wolstonecraft, escritora e crítica de Rousseau posteriormente consagrada como uma das pioneiras do feminismo, apaixonou-se por William Godwin, autor de *An enquiry concerning justice...* (1793), considerado uma importante referência nas origens históricas do anarquismo.⁴³ Refiro-me ao vínculo amoroso que estabelecem, em meio ao convívio em uma rede de amigos intelectuais, poetas e artistas, porque incita a pensar na maneira pela qual essas duas doutrinas políticas de luta pela liberdade e igualdade social, de crítica às hierarquias e às formas da dominação de classe, gêne-



ro e etnia, isto é, o anarquismo e o feminismo, estiveram tão próximas e foram constitutivas uma da outra, em suas origens. A separação mais nítida, configurando duas correntes políticas separadas e envolvendo diferentes personagens e contextos políticos, ocorre nas movimentações do século XIX, acentuando-se no seguinte.

Já no início do século XIX, os saint-simonianos abriam espaço para os círculos de mulheres; nas décadas seguintes, a bandeira da emancipação feminina esteve presente nas reivindicações de todos os que se opunham ao capitalismo industrial emergente, seja anarquistas, socialistas ou comunistas. Em todos os momentos históricos em que o anarquismo despontou como força de expressão social e política, a questão da luta pelo fim da violência de gênero e pelo direito das mulheres à esfera pública foi amplamente debatida e incentivada. Com todas as críticas que os opositores lançam aos anarquistas, não há como negar que o anarquismo foi a doutrina política e o movimento social que mais avançaram na formulação e na exigência do respeito à diferença e à liberdade individual, inclusive para as mulheres. Para além dos direitos civis e políticos, o anarquismo colocou na agenda pública a luta pelo direito ao próprio corpo, em defesa do prazer sexual e do amor livre, também para as mulheres, assim como o direito ao divórcio, ao aborto e à maternidade consciente e voluntária. Ao colocar-se contra as relações de poder no microcosmo da vida social, questionou claramente a ideologia da domesticidade, segundo a qual as mulheres seriam inferiores aos homens por natureza e destinadas à esfera do lar e aos cuidados dos filhos. A meu ver, constatar que alguns anarquistas tenham, em algum momento, reproduzido paradoxalmente argumentos misóginos, que tenham sido machistas em algumas



Entre o anarquismo e o feminismo...

situações não invalida o próprio anarquismo, mas mostra que se trata de um trabalho a ser realizado consigo mesmo e na relação com o outro. O mesmo pode ser dito em relação ao feminismo. O autoritarismo de algumas feministas jamais poderia diminuir a importância das lutas históricas feministas e das que se travam na atualidade.

Não é de se estranhar que os discursos feministas mais radicais do século XIX e inícios do século XX provenham de figuras emancipadas como Emma Goldman, Maria Lacerda de Moura, Amparo Poch y Gascón, Lucía Sanchez Sornil, Mercedes Comaposada, fundadoras da organização anarco-feminista espanhola *Mujeres Libres*⁴⁴. É interessante observar que nem sempre a dimensão anarquista ganha prioridade em relação ao feminismo nos discursos dessas revolucionárias que, ao mesmo tempo, consideravam negativamente como “feministas” as mulheres burguesas ou das camadas médias. Para elas, o feminismo liberal, ao reivindicar principalmente o direito ao voto e à instrução, era muito conservador, pois não questionava as estruturas profundas da sociedade burguesa nem enfrentava claramente a questão da moral sexual imposta e as violências constitutivas das relações de gênero. Suas práticas, contudo, revelam um feminismo muito radical, pois questionavam o próprio modo de existência das mulheres, assim como os mitos misóginos construídos cientificamente sobre o corpo feminino e sobre a sua sexualidade.

Hoje sabemos que levou ainda muitas décadas, desde os anos 1930, para que o feminismo tematizasse a questão do corpo feminino, para que questionasse radicalmente os modelos de feminilidade instituídos, para que historicizasse as formas micropolíticas da dominação de gênero, desmistificando os regimes de verdade construídos pela



ciência masculina sobre as mulheres, para que lutasse pela descriminalização do aborto e para que defendesse o direito feminino ao prazer sexual. O anarco-feminismo de então, embora reduzido em número, trazia imensos aportes para a construção da experiência feminista.

Ao se distanciarem progressivamente, ou especializarem-se em seus objetivos e formas de luta, anarquismo e feminismo perderam a memória de uma origem em solo comum. A tal ponto que configuraram movimentos distintos, envolvendo histórias, locais, personagens, temporalidades e memórias diferenciadas, quando não opostas. Ainda assim, mesmo nessas instáveis fronteiras, a contribuição ao anarquismo por parte das mulheres e, em especial, das feministas foi certamente enorme.

Considerando as experiências e os escritos de Maria Lacerda de Moura e de Luce Fabbri, os pontos que as aproximam parecem hoje tão grandes quanto os que as diferenciam. Em relação à luta contra o fascismo, embora suas análises tendam a convergir, os envolvimento são bastantes distintos, já que Luce viveu em Roma e Bolonha, assistiu à emergência desse fenômeno, sofreu diretamente a perseguição de Mussolini, foi deportada com seu pai e precisou exilar-se no Uruguai, desde o final de 1929. Italiana, a sua luta contra a violência fascista ocupa um espaço de maior destaque em sua produção teórica e política, sendo fundamental para a construção de sua teoria do anarquismo, questão a que se dedica por toda a vida⁴⁵.

No caso de Maria Lacerda, por sua vez, embora se indigne profundamente com os acontecimentos violentos na Itália e em outros países europeus, sua crítica ao fascismo tem como pontos de partida a guerra e as repressões



Entre o anarquismo e o feminismo...

políticas do governo de Getúlio Vargas, que não chega a constituir-se como um totalitarismo, ainda que, para os anarquistas contemporâneos, essas definições também precisem ser desconstruídas e historicizadas.

Para a anarquista mineira, o combate ao poder e a luta pela construção do anarquismo se travam mais fortemente no campo da moral sexual e do feminismo. A opressão de que são vítimas as mulheres, a repressão sexual, a castração de suas potencialidades, o desrespeito às suas necessidades básicas, a violência contra o seu corpo, a exploração sexual, o estupro, a violência doméstica – temas que ocupam o feminismo em sua terceira vaga desde o final dos anos sessenta – ganham prioridade em suas reflexões pioneiras tanto para o anarquismo quanto para o feminismo.

Vale sublinhar, nesse caso, a diferença das experiências vividas pelas duas libertárias, já que Luce tem o privilégio de nascer e crescer no próprio seio de uma família anarquista, ao contrário de Maria Lacerda. Até o final de sua vida, em 2000, a militante ítalo-uruguaia atua nos meios anarquistas uruguaios e argentinos, publicando a revista *Opción Libertária*, juntamente com o seu grupo político GEAL, ao contrário da brasileira⁴⁶. Maria Lacerda se distanciará da militância política, no final de sua vida, retirando-se socialmente e abraçando o espiritismo.

Em relação aos temas que Maria Lacerda privilegia em seu esforço de reatualização do anarquismo tanto quanto do feminismo, um nome que, sem dúvida, deve ser destacado é o da famosa revolucionária russa-americana Emma Goldman, que também procurou articular as lutas feministas às questões sociais mais gerais, tornando-se uma pioneira do anarco-feminismo.



Desde os anos 1980, essas expressivas militantes anarquistas foram redescobertas pelos estudos feministas, preocupados em dar visibilidade às pioneiras, contribuindo não apenas para a libertação dos saberes dominados e das figuras transgressoras, punidas com o silêncio e o desconhecimento. Esse minucioso trabalho fortalece, ainda, as próprias militantes que, no presente, buscam referências de outros modos de luta, de outras formas de existência e, no limite, de novos rumos libertários e filóginos para a autoconstituição de uma subjetividade ética e para a construção da própria vida. Mais uma vez, as vozes dessas figuras femininas ressoam com toda a sua grandiosidade e generosidade.

Notas

¹ O presente artigo é versão do apresentado no Simpósio “Anarquia - anarquismos: história e atualidade nas Américas”, coordenado por Edson Passetti (Nu-Sol/PUC-SP) e José Maria Carvalho Ferreira (Universidade Técnica de Lisboa) no 53o Congresso Internacional dos Americanistas (ICA), realizado na Cidade do México em julho de 2009.

² Miriam L. Moreira Leite. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Ática, 1984; Margareth Rago. *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2001; *Entre La Historia y La Libertad. Luce Fabbri y El anarquismo contemporaneo*. Tradução de Alfredo G. Martin. Montevideo, Editorial Nordan-Comunidad, 2003.

² Um dos principais expoentes do anarquismo brasileiro, José Oiticica nasce em Minas Gerais, em 1882, forma-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1902, mas torna-se professor catedrático de Português no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Falece em 1957. Ver: Edgard Rodrigues. *Os Libertários*. Rio de Janeiro, VJR Editores Associados, 1993, pp. 33-66.

³ Maria Lacerda Moura. “A mulher é uma degenerada?” in *Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica*. Miriam L. Moreira Leite (org.). Florianópolis, Editora Mulheres, 2005, p. 106.



Entre o anarquismo e o feminismo...

⁴ Maria Lacerda Moura. *Clero e Fascismo - Horda de Embruteceadores*. São Paulo, Editorial Paulista, 1934.

⁵ Margareth Rago, 2001, op. cit., p. 113.

⁶ Maria Lacerda Moura. *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!* São Paulo, A Sementeira, 1933; *Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital*. São Paulo, Editorial Paulista, s/d.

⁷ Ver: Margareth Rago, 2001, op. cit., pp. 131-152.

⁸ Luce Fabbri. *Camisas Negras*. Buenos Aires, Ediciones Nervio, 1935.

⁹ Luce Fabbri. "Fascismo en el Uruguay" in *Cuadernos de Marcha*, n. 53, setembro 1971.

¹⁰ Luce Fabbri, 1935, op.cit., p. 64.

¹¹ Idem, p. 145.

¹² Ibidem, p. 21.

¹³ Recorro à analítica do poder desenvolvida por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro, Vozes, 1977.

¹⁴ Luce Fabbri. "O perigo totalitário" in *Socialismo y Libertad*, n.2, dezembro de 1943.

¹⁵ Luce Fabbri, 1935, op.cit., p. 196.

¹⁶ Idem, p. 197.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Luce Fabbri. "Vitalidad y Espontaneidad de lo Organico" in *Lucha Libertaria*. n. 171. Montevideo, 1957, ano XX.

¹⁹ Santiago Valenti Camp. "La pensadora María Lacerda de Moura" in *Estudios*. n. 90. Barcelona, 1931, ano IX, p.11.

²⁰ Maria Lacerda Moura. "La concepción ryneriana del amor" e "Qué es el amor plural?" in *Estudios*. n. 129. 1934, ano XII, p. 3.

²¹ Idem.

²² Maria Lacerda Moura. "La mujer nueva y la moral sexual" in *Estudios*. n. 130. 1934, ano XII.



²³ Maria Lacerda Moura. *Religião do Amor e da Beleza*. São Paulo, Condor, 1926, p. 51.

²⁴ Idem, p. 55.

²⁵ Maria Lacerda de Moura. *Amai e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.

²⁶ Maria Lacerda Moura *apud* Miriam L. Moreira Leite, 1984, op. cit, p. 221.

²⁷ Idem, p. 214.

²⁸ Ibidem, p. 221.

²⁹ Maria Lacerda de Moura. *A Mulher é uma Degenerada?*. São Paulo, Typ. Paulista, 1924.

³⁰ Maria Lacerda Moura, prefácio ao livro do psiquiatra argentino Julio Barcos, *Liberdade Sexual das Mulheres*. Tradução de Maria Lacerda de Moura, 4^a ed., 1929; Também citado em Moura/Leite, 2005, op.cit, p. 54.

³¹ Ver: Carole Pateman. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

³² Maria Lacerda Moura. 1926, op. cit., p. 184.

³³ Han Hyner (1861-1938), filósofo anarquista francês, marcado pelo estoicismo, autor de *Pequeno Manual Individualista*, de 1903, e do romance *O amor plural*.

³⁴ Maria Lacerda de Moura *apud* Miriam L. Moreira Leite, 2005, op. cit., p. 168.

³⁵ Maria Lacerdan de Moura. *Prefácio* a Julio Barcos, também citado em Leite, op. cit., 2005, p. 54.

³⁶ Émile Armand (1872-1962), anarco-individualista francês, autor de *La révolution sexuelle et La camaraderie amoureuse*, de 1934, entre outras obras.

³⁷ Idem, p. 170.

³⁸ Maria Lacerda Moura. *Civilização – tronco de escravos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1931.

³⁹ Idem, pp. 169; 174.

⁴⁰ Ver: Emma Goldman. *Tráfico de mujeres y otros ensaios sobre feminismo*. Barcelona, Cuadernos Anagrama, 1977.



Entre o anarquismo e o feminismo...

⁴¹ Sobre a história da prostituição e o “tráfico das brancas” para o Brasil, ver: Margareth Rago. *Os Prazeres da Noite*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

⁴² Maria Lacerda Moura, 1926, op.cit., p.166.

⁴³ Henri Arvon. *El Anarquismo en el siglo XX*. Madrid, Taurus, 1979, p. 129.

⁴⁴ Sobre a organização Mujeres Libres, ver: Martha Ackelsberg. *Free Women in Spain: Anarchism and the Struggle for the Emancipation of Women*. Indiana, University Press, 1991.

⁴⁵ Ver: Luce Fabbri. *El Camino Hacia el Socialismo sin Estado*. Montevideo, Edición de Juventudes Libertarias del Uruguay, 1952.

⁴⁶ Margareth Rago, 2001, op. cit., p. 303-324.



Resumo

Apesar de serem pouco conhecidas as trajetórias das militantes anarquistas, Maria Lacerda de Moura (1887–1945) e Luce Fabbri (1908–2000) destacaram-se na renovação do anarquismo na América do Sul. As duas militantes compartilham do esforço de atualizar o anarquismo, refletindo-o a partir dos problemas e desafios de sua época. Escritoras, educadoras e oradoras, tiveram uma importante atuação nos meios políticos, culturais e literários ao longo de suas vidas denunciando as múltiplas formas da dominação burguesa, da opressão masculina e da exploração capitalista do trabalho.

Palavras-chave: anarquismo, feminismo, América do Sul.

Abstract

Maria Lacerda de Moura's (1887–1945) and Luce Fabbri's (1908–2000) trajectories are not well known despite their importance in the renewal of anarchism in South America. Both militants shared forces to up-date anarchism by facing and analyzing the problems and challenges of their epoch. Writers, educators and speakers, both women had an impressive presence within the political, cultural and libertarian environments during their lives, denouncing the multiple forms of bourgeoisie domination, male oppression and capitalist exploitation.

Keywords: anarchism, feminism, South America.

Recebido para publicação em 10 de fevereiro de 2012. Confirmado em 10 de março de 2012.